

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 25000 réis; Semestre ou 26 numeros 12500 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—19 DE NOVEMBRO DE 1882—N.º 39—

GERENTE-PROPRICIARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 75000 réis; semestre ou 26 numeros 45000 rs.; trimestre ou 13 numeros 25000 rs.; avulso 200 rs.

São agencias da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS: — Fernando de Lesseps. O bom estudante. O mau estudante. Typos de soldados egypciãos
TEXTO: —Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras, por P. C. O archote de Penmare'h, por Julio deMagalhães.
O Domingo dos Bébés, por Vidigal Salgado. D. Evornia

ACTUALIDADES

Vae por essa Lisboa uma funda tristeza enorme.

Não julguem ser a da judia que não dorme a sonhar d'ignoto amor, ou que diabo é. Não. E' a dos batoteiros a sonharem na maneira de disfarçadamente, — conseguirem fazer a sua paradinha.

E, — caso notavel, — tudo feito pelo mesmo homem — o sonho da judia e o sonho dos batoteiros. Um especialista em sonhos, S. Ex.ª! Baltresqui não hesitaria em chamar-lhe collega.

E' á noite, á noite, quando as sombras descem sobre a cidade, que ella, a funda tristeza enorme desce, tragica e fatal, ás almas dos miseros batoteiros! Que cruelissimos poemas de dôr, — ali pelas oito horas da noite! Lembra Espronceda na *Tereza*:

Ah! cruel, mui cruel, martirio horrendo!

E tambem lembra Shakspeare n'aquella scena em que o bravo Othello, julgando-se trahido por Desdemona, diz o despedaçador adeus ás tropas emplumadas, ás machinas de guerra, ao pifano sibilante, ao tambor que inflamma os animos, a tudo, emfim, que mais o enthusiasinou, que mais amou, na sua gloriosa vida de guerreiro.

Tambem a estas horas os batoteiros sentem o profundo desanimo de Othello.

— Adeus, cêrcos á dama — formosas quinas que nas vossas pintas vermelhas lembraveis a purpura dos imperantes, scintillantes valetes com saltos fi-

gurados e á cabeça — impavidos duques illuminados, e azes idem — senas pretas e encarnadas, ternos, quadras, oitos e reis, adeus, adeus para sem-

pazes: a mocidade é exaltada em todos os paizes, em Portugal, graças ao clima, duas vezes exaltada. D'aqui, extraordinarios perigos. Mancebos inexpe-

rientes, jovens imberbes mais de uma vez passam noites em espeluncas pataqueiras, inflammados na febre da jogatina, arrastados pela vertigem do oiro, a fazerem, — de uma só vez, — paradas com que se poderiam sustentar á vontade, durante mezes, seis familias... de pintasilgos, pelo menos. Ainda hoje na baixa se falla n'uma parada de 500 réis, feita por um Jacque Rolla muito conhecido em Lisboa. Vejam lá! Uma parada de 500 réis! Uma parada muito superior em reis ás que se fazem com soldados no Terreiro do Paço.

Não podia ser. Era um escandalo, positivamente um escandalo. O sr. ministro da guerra lel-o sentir ao seu collega do reino.

— Que façam paradas superiores ás minhas, não consinto collega! Nunca, jámais, o consentirei.

E d'ahi as rusgas.

— Ah! mas os velhos! Os pobres velhos não envergonhavam com as suas modestas paradas as do sr. ministro da guerra. Não passavam do pataco — quasi sempre de aposta que é jogo mais seguro.

Depois, os rapazes, corridos das casas de jogo, facilmente encontram com que substituir esta paixão. — Tinham amor ao jogo? — substituam-o pelo jogo do amor. Uma bella substituição, por vida minha!

Mas os velhos, — com que substituir o jogo? porque substituil-o? — Ah! coitados! a vida correrá-lhes aspera, erriçada de contrariedades, hostile como uma nortada de dezembro; — mas, no meio de tudo isto, uma esperança lhes restava: essa aspreza podia um dia transformar-se em brandura, os espinhos em flores, o dezembro em abril... Havia exemplos. Não era coisa que nunca se tivesse visto. Sim, essa esperança fôra para muitos uma



FERNANDO DE LESSEPS

pre! A missão dos batoteiros está cumprida! Adeus! Adeus! Adeus!

Eu, afinal, tenho uma grande sympathia piedosa por algumas das infelizes victimas da portaria do sr. ministro do reino. Quero fallar dos velhos. Eu comprehendo que S. Ex.ª não deixasse jogar os ra-

realidade! Porque o não seria para elles? E então, nem um dos carrapos da indigencia, os confortos da abundância; o pão negro seria substituído pelas iguarias apetitosas dos ricos: não mais pichel do carrascão,—salta porto e copos!

O que era preciso, afinal?

—Uma pontinha de sorte! Dez cercos a pataca!

Porque, era esta a unica esperança d'elles... ha quarenta annos. Sim, ha quarenta annos que esses infelizes corriam todas as noites, á mesma hora, com uma uniformidade de chronometro, á casa de jogo, com a idéa fixa, de levarem o monte á gloria!

Agora tudo está acabado...

—Adeus cercos á dama, formosas quinas, quadras, etc. (Repete o mesmo motivo).

E agora tambem pergunto eu:—com que direito tira um ministro uma esperança?

Conta-se que uma vez, estando Diogenes sentado ao sol, Alexandre o Grande se lhe approximara e lhe perguntara o que queria.

—Dize o que queres, Diogenes, e tudo te darei.

E, como ao fazer-lhe a pergunta lhe interceptas-se os raios polares, Diogenes respondeu:

—Que me não tires o que me não podes dar.

O mesmo podem certos batoteiros responder ao senhor ministro do reino. S. ex.^a não lhe pode dar esperanças, não lh'as tire.

Para que se veja até que ponto podem os velhos amar o jogo, ou contar-lhes uma historia que tem o merito de não ser inventada.

Ha quarenta annos ou coisa parecida, representou-se pela primeira vez no theatro de D. Maria A *Sobrinha do Marquez*. Depois do spectaculo dois rapazes que tinham assistido á recita, sentiram vontade de ceiar. Tinham porém pouco dinheiro, e um d'elles lembrou-se de irem jogar. Foram.

Em maio d'este anno, nas festas do centenario do marquez de Pombal, a empreza de D. Maria fez *reprise da Sobrinha do Marquez*.

Dois velhos alcachinados atravessando o Rocio de madrugada, olharam casualmente para um cartaz.

—Olha, menino,—e apontava para o titulo da peça—ainda hoje vejo a *Sobrinha do Marquez!*

Eram os dois rapazes da ceia.

E' por isso que eu terminando peça ao senhor ministro do reino um asylo, onde estes pobres velhos possam ao menos jogar... a cigarro!

De resto, considero a rusga, poema muito superior ao D. Jayme.

URBANO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

Fernando de Lesseps

Fernando Lesseps pertence á numerosa tribu dos homens pequenos, grandes homens, á tribu dos Cesares e dos Napoleões.

E' baixo, activo, desembaraçado, e a sua organisação forte e energica tem-lhe servido de bafuarte para os ataques implacaveis do tempo. Os 76 annos apenas conseguiram branquear com os seus gelos a cabeça do grande engenheiro, mas o bigode, e as sobranceiras protestam energicamente com o seu negro de asevice contra as neves do inverno da vida. O contraste é tão grande que chegaram a acreditar que Lesseps, pintava o bigode, alguém mesmo atreveu-se a perguntar-lh'o, mas Lesseps respondeu mostrando n'um sorriso os seus 32 dentes intactos.

—Ainda que quizesse pintar-me não tinha tempo para isso.

As caricias furiosas e ardentes do sirouco do Oceano, os beijos quentes e doentios do simoun das solidões da Africa, deram-lhe á tez um tom de bistro, que é realçada pelas radiações magneticas de dois olhos grandes, negros, cheios de vida e de luz.

Lesseps, o heroe de Suez, é um patriarcha no seio da familia. Em torno do grande homem agita-se, grita, chora, uma *troupe* de gentis creanças todas ellas com accentuado. traços physionomicos do typo oriental, e que constituem a numerosa prole de Fernando Lesseps que é um pae extremoso, doido pelos filhos, idolatra pela familia.

Uma vez um dos seus filhos mais pequenos tinha um tumor branco n'uma das mãos. Quando o tumor chegou ao periodo de maturação, o pae transformado em cirurgião, e de bisturi em punho, preparou-se para picar o tumor.

Madame Lesseps, ao lado do esposo medico e do filho doente, tremia como tremem as mães quando os filhos soffrem.

—Porque tremes? perguntou-lhe Lesseps, depois de ter furado o istmo de Suez, parece-me que poderei bem farar um tumor branco!

A casa do engenheiro a quem se deve a obra mais colossal do nosso seculo, tem um aspecto verdadeiramente phantastico.

Por toda a parte, pelas paredes, pelas mezas, pelos *consoles*, pullulam as recordações do Egypto, os bronzes commemorativos do grande feito, os quadros representando as vistas pittorescas do canal que lord Palmerston qualificára de sonho illusorio.

N'uma das mezas está a taça de prata e de ouro macisso com que a imperatriz brindou Lesseps, e que vale 200 mil francos (36 contos de réis).

Uma das outras mezas, uma simples meza de acaju, foi onde se fizeram os trabalhos e os projectos para a abertura do canal.

E d'essa meza até á realisação da grande obra, durante vinte annos de estudos, de desesperança e de anciedade, quantos obstaculos a vencer, quantas difficuldades a superar, quanta força de vontade, quanta tenacidade energica para convencer os scepticos e para pôr em pratica o seu plano gigante?

Na sua primeira viagem de exploração ao Egypto, Lesseps quiz conquistar para o seu projecto as sympathias do vice-rei.

Ser-lhe-hia isso facil e prompto, se não fosse a má vontade dos conselheiros do príncipe.

Primeiro do que tudo era necessario vencer as repugnancias de espiritos inacessiveis ás verdadeiras ideias do progresso.

Um dia Lesseps, montando um soberbo cavallo preto, chegou ao acampamento do vice-rei a todo o galope. Os generaes estavam n'um terreno separado do deserto por um muro de pedra de dois metros de altura. O cavalleiro saltou com o seu cavallo essa barreira com a facilidade, destreza e elegancia de um jockey de steeple-chase...

—Quem transpõe tão lestantemente um muro, tem a sabedoria consigo, disse sentenciosamente o mais velho dos generaes, e foi assim que elle ganhou as sympathias d'aquelles que até então lhe eram hostis.

N'essa mesma noite a duzentos metros sobre as tendas dos generaes, pairava uma aguia: Lesseps, pegou n'uma espingarda, apontou, desfechou, e a ave caiu morta a seus pés.

A sympathia dos generaes tornou-se logo em entusiastica amizade.

E é curioso pensar como os maiores commettimentos estão dependentes das mais pequenas coisas, e como talvez, sem o salto do muro e a morte

da aguia, a abertura do istmo de Suez estaria ainda em estado de hypothese.

O vice-rei era de ha muito afeiçoado a Lesseps, eram conhecidos antigos, e o príncipe egypcio contrahira na sua infancia uma divida de gratidão para com o engenheiro francez.

Mahomet Said era então creança; e Lesseps consul de França em Alexandria.

Koenig-Bey, preceptor do príncipe, mandava todos os mezes uma nota da sua applicação a Méhemet-Ali, seu pae.

Méhemet, entendia-se melhor com os algarismos do que com as letras.

—Dispenso-te de todos esses arrasoados, disse elle a Koenig-Bey, manda-me dizer todos os mezes quanto pesa o meu filho.

A ordem foi pontualmente executada. Quando Mahomed-Said, pesava mais, seu pae dizia:

—Tu engordas, logo não trabalhas, e applicavale severas correções.

A situação era intoleravel, sobre tudo para uma creança naturalmente propensa á obsessidade. Said refugiava-se então no consulado de França, e Lesseps caçado de implorar debalde a clemencia paterna, achou um meio engenhoso para furtar o filho aos castigos severos do pae. Fazia-o montar a cavallo, davam todos os dias grandes passeios pelo deserto. Graças a este exercicio violento o peso de Said diminuia, e com elle a colera paternal e os castigos rigorosos.

Por isso o homem lembrou-se da divida da creança, o rei das obrigações do príncipe e quando o seu antigo protector lhe fallou no seu grandioso projecto, Said respondeu-lhe logo:

—Não só o auctoriso a começar os seus trabalhos nos meus estados, como tambem me inscrevo com a quantia que quizer na lista dos accionistas da sua empreza.

Não obstante toda a boa vontade e protecções que Lesseps encontrou no proseguimento da sua ideia, os estorvos e embaraços, acompanharam-n'o até ao proprio dia da victoria.

Ja o Yacht *Agua* entrara no canal levando a seu bordo a imperatriz Eugenia, e ainda Lesseps não sabia se o canal estava ou não completamente desimpedido.

Na vespera rolara um rochedo sobre o canal, sobbrra um navio, e rebentára um incendio.

Lesseps mandára no dia da inauguração um homem a bordo de um pequeno aviso egypcio que viria em certo silio ao encontro do *Agua* dar signal se o canal estava livre.

No caso affirmativo, deveria o homem abrir os braços em cruz.

A *Agua* partira e Lesseps de oculo em punho esperava com terrivel anciedade o signal convencional.

De repente avista o homem: mas os braços em vez de se abrir em cruz, pendiam ao longo do corpo.

Lesseps estava no auge da commoção. Limpa os vidros do oculo, torna a assestalo e... vê os mesmos braços levantarem-se e abrirem-se em fórma de cruz.

Doido de alegria o grande engenheiro, sem dizer palavra, pois ninguem estava no segredo do signal, desceu do tombadilho, bebeu um copo de agua e deixou-se cair sobre uma cadeira na coberta do navio, e adormeceu quasi que instantaneamente...

—Tiveram que o acordar, disse-lhe a imperatriz que se approximára d'elle durante o seu somno; porque dormia profundamente.

—Magestade, respondeu o heroe da festa, ha vinte annos que não dormia tão bem!

Fernando Lesseps é uma das raras celebridades que são contemporaneas da sua gloria.—Tem 76 annos e a sua actividade intellectual está completamente no seu periodo de virilidade.

Acaba de levar a effeito uma empreza collossal, e medita já outra mais collossal ainda!

Depois de ter furado um canto da Africa pensa em cortar ao meio uma das cinco partes do mundo.

Depois da abertura do isthmo de Suez, sonha em ligar Paris a Pekin, o occidente da Europa com o oriente da Asia por um caminho de ferro Transasiatico.

E' um homem verdadeiramente prodigioso Fernando Lesseps, e se a vida lhe der tempo é capaz de estabelecer em torno do globo um *boulevard* com macadam, gaz e cafés, onde todos os povos irão tomar absyntho antes de jantar.

N'esta questão do Egypto, que terminou com a guerra anglo-egyptia, Lesseps defendeu a sua obra com a mais completa energia, defendeu-a contra a occupação ingleza, contra a devastação beduina, correndo do Cairo a Paris, de Londres a Constantinopla, como se estivesse na flôr dos seus vinte e cinco annos.

Não devemos esquecer, porque enfim sempre nos illuminamos assim com um raiosinho da sua gloria, que o pae de Fernando de Lesseps foi por muito tempo consul de França em Lisboa, e que estava até, pela sua longa residencia, já meio nacionalizado.

o bom estudante

E' um modelo o pequeno. Sabe latim como um papagaio de Tito Livio e declina *Alteruter* com uma velocidade de 2000 casos por hora. Está-se alli preparando um pedaço d'asno de primeira qualidade. O mestre deve ser da força de um ex-frade, que se encarregava no Collegio Militar de metter na cabeça dos futuros Napoleões nacionaes as regras de Antonio Pereira de Figueiredo. O seu ideal era que o alumno soubesse de cor até o sitio da pagina, onde se encontrava uma certa e determinada declinação. «Qual a regra que está por baixo de *servus, servis?* perguntava elle. Ainda me lembro «Os nomes acabados em *nis* fazem o genitivo em *ni* assim como *Antonis, Antonni* etc.» Poderá! Eu não me hei-de lembrar. Á mais leve falha apparecia á porta um continuo de férula em punho, e apanhavamos — que feliz preterito imperfecto! n'aquelle tempo era no presente e nas mãos, uma surra de palmatoadas de primeira qualidade.

Mesquita, assim se chamava este carrasco do *Hora, hora*, tinha um criterio d'esta forma. Um bello dia passa-nos um thema. Eu que *piochais* o meu latim conscienciosamente, vim para o meu quarto, e principiei a organizar latinamente o portuguez que me tinham dado. Um dos meus collegas porem soubera, por um feliz acaso e uma indiscrição benevola, que o thema fóra traduzido para portuguez de uma carta de Cicero, que figurava no fim da selecta 2.^a. Santa descoberta! Correu ao latim ciceronico, e reconstituiu na sua lingua primitiva o trecho do grande orador, e a aula toda, posta ao facto d'esta deliciosa circumstancia, seguia-o *passibus aquis*, e de todos os alumnos só eu, que não estava no segredo, porque estudava e dormia no quarto de meu pae, é que não copiei o thema.

Vamos para a aula, desfilam os themas por diante

do professor, que a todos acolhe com um sorriso approvativo. Só eu fico banido, e classificado em ultimo lugar. Achei o caso estranho. De repente, eu passára da minha situação de primeiro da aula para o ultimo lugar! O que succedera com esse malfadado thema? Que secreta inspiração bafejára os cerebros mais rebeldes ao latim, e que funesto maleficio actuára no meu espirito? O segredo não tardou a revelar-se de um modo desastroso para o professor. Meu pae, que sabia do caso, e que m'occultava cuidadosamente, deixando-me a braços com as difficuldades de construcção, indigna-se e corre ao bom do Mesquita. O que um pae indignado e zeloso dos creditos de seu filho pôde dizer a um idiota, que achava naturalissimo que uns estudantes de selecta segunda escrevessem de um latim ciceroniano, nunca se soube; o que é certo é que Mesquita nunca mais passou thema.

Sem offensa, esse bom estudante, que se pavoneia ufano dos carinhos e dos louvores de seu mestre, saiu-me caro de ter copiado Cicero para fazer o seu thema, e de o ter impingido como latim da sua lavra ao seu honrado *magister!*

o mau estudante

Fulminam todos os raios da colera paterna e da colera magistral que preferia a alegre brincadeira ao ar livre, declinação de *arbori, arboris*, na casa soturna da escola. Ah! como a gente o comprehende! como se percebe que elle no nominativo fizesse ablativo de viagem para ir ver as arvores no accusativo, o que lhe rendeu, valha a verdade, uma tarefa que o pai lhe pespegou no dativo — não foi bem no dativo — com o bico de sua bota o que é, no *ôlizer* dos mestres, o mais incontestavel genitivo. O mestre, furibundo, jura que não readmitte na escola semelhante vadio, o pae supplica promettendo renovar a dôse quando se renovarem as circumstancias, o pequeno chora — *pro forma*, diga-se sempre. Morto está elle porque não seja revogado o decreto da prescripção perpetua.

O contraste do bom e do mau estudante, ou antes do estudante protegido e do cabula banido sem piedade inspirou ao pintor Th. Girard os dois graciosos quadros que as nossas gravuras representam. Evidentemente nem o bom estudante do primeiro quadro é a perola que o professor indica, nem o mau estudante do segundo é tão mau como parece. A chave da differença de apreciação está talvez n'um accessorio, que figura no primeiro quadro, e que não deve passar despercebido aos olhos do espectador. É um cesto de garrafas, evidentemente destinado para o mestre, e que inspira a este os mais entusiasticos dithyrambos em louvor do filho de quem dá tão bons presentes. Não ha cesto na outra gravura, e isso explica talvez a severidade do mestre.

Typos de soldados egypcios

Representa a nossa ultima gravura uns typos de soldados egypcios — cavalleiros e infantes — que faziam parte do exercito de Arabi-pachá, exercito que foi, como todos sabem, licenciado, e cujos elementos uteis estão sendo agora reorganizados. O exercito, no momento da victoria do general Wolseley, constava de 20:000 homens de tropas regulares, sendo 2300 cavalleiros e 6000 beduinos.

O ARCHOTE DE PENMARC'H

LEGENDA DA BRETANHA

(Versão portugueza de Julio de Magalhães)

(Continuado do numero anterior)

«No momento em que o pobre Legoello acabava este monologo, appareceu-lhe René. Era um bizarro moço, dotado de um coração excellente, e da mais accentuada honestidade de caracter.

«—Vejo-o triste, tio Legoello!... disse elle com inquietação. Que é o que o afflige?...

«—Teu pae exige que tenha dote a tua noiva, René, respondeu o velho suspirando; e desgraçadamente não estou em circumstancias de dar coisa alguma á minha pobre filha.

«—Ah! eram bem fundadas as minhas supposições! murmurou o mancebo com expressão angustiada.

«E, depois de uma breve pausa, fez um gesto de resolução, e exclamou:

«—Embora! Apesar d'essa exigencia de meu pae, não deixarei de unir o meu destino ao da boa e affectuosa Yvonne... bem entendido, se a isso se não oppuser o tio Legoello!...

«E não pôde continuar; a dolorosa commoção, que o agitava, embargava-lhe a voz na garganta.

«—Tem coragem, filho! disse o velho Legoello com accento carinhoso. Faz appello a toda a tua resignação!

«E estendeu-lhe a mão, que o pobre René estreitou com força entre as suas.

«—Coragem! resignação! balbuciou o mancebo. Isso é facil de dizer, tio Legoello! Mas, bem vê, quando concebemos no fundo da alma uma esperanza, que nos acaricia, que nos encanta, que nos dá alento para o trabalho, que nos mostra a verdadeira felicidade na vida, é duro vermos cahir por terra esse sonho de ventura, por causa de um miseravel milhar de escudos!...

«E, suffocado pela commoção, continuou com voz entrecortada e mal segura:

«—Será isto rasoavel e justo, tio Legoello? Não será desculpavel a revolta de um filho, quando se dão taes circumstancias?...

«—A revolta de um filho contra a auctoridade paterna é sempre censuravel. René, respondeu Legoello; de mais a mais no presente caso seria inutil... Tranquillisa-te, meu amigo.

«—Tranquillisar-me! tornou René com afflicção. Oh! é impossivel!... Escute, tio Legoello: posso uma pequena fazenda, herança de minha mãe... Ah! minha querida e santa mãe! o coração d'ella não era capaz de concorrer de um qualquer modo para a minha infelicidade!... Estou já em idade de poder dispôr do que me pertence, e é isso precisamente o que vou fazer! Já que meu pae é inexoravel, hei de provar-lhe que, na minha qualidade de maior, posso muito bem dispensar o seu consentimento, e proceder como melhor entenda... Viverei contente e tranquillo com a minha pequena herança; trabalharei tanto quanto possá, e farei feliz a minha querida Yvonne, que tão bem o merece!... Porque o tio Legoello não me recusa a mão d'ella, não é verdade?... Consente em que se faça o nosso casamento, não é assim?... Ah! supplico-lhe...

«—Vê que te deixas desvairar pelo desgosto,

meu filho... atalhou o velho Legoello. Peço-te que penses bem, e que sejas razoavel,

«—Como assim?! Nega-nos tambem o seu consentimento, tio Legoello?... Oh! mas então o seu coração é tão cruel como o de meu pae!...

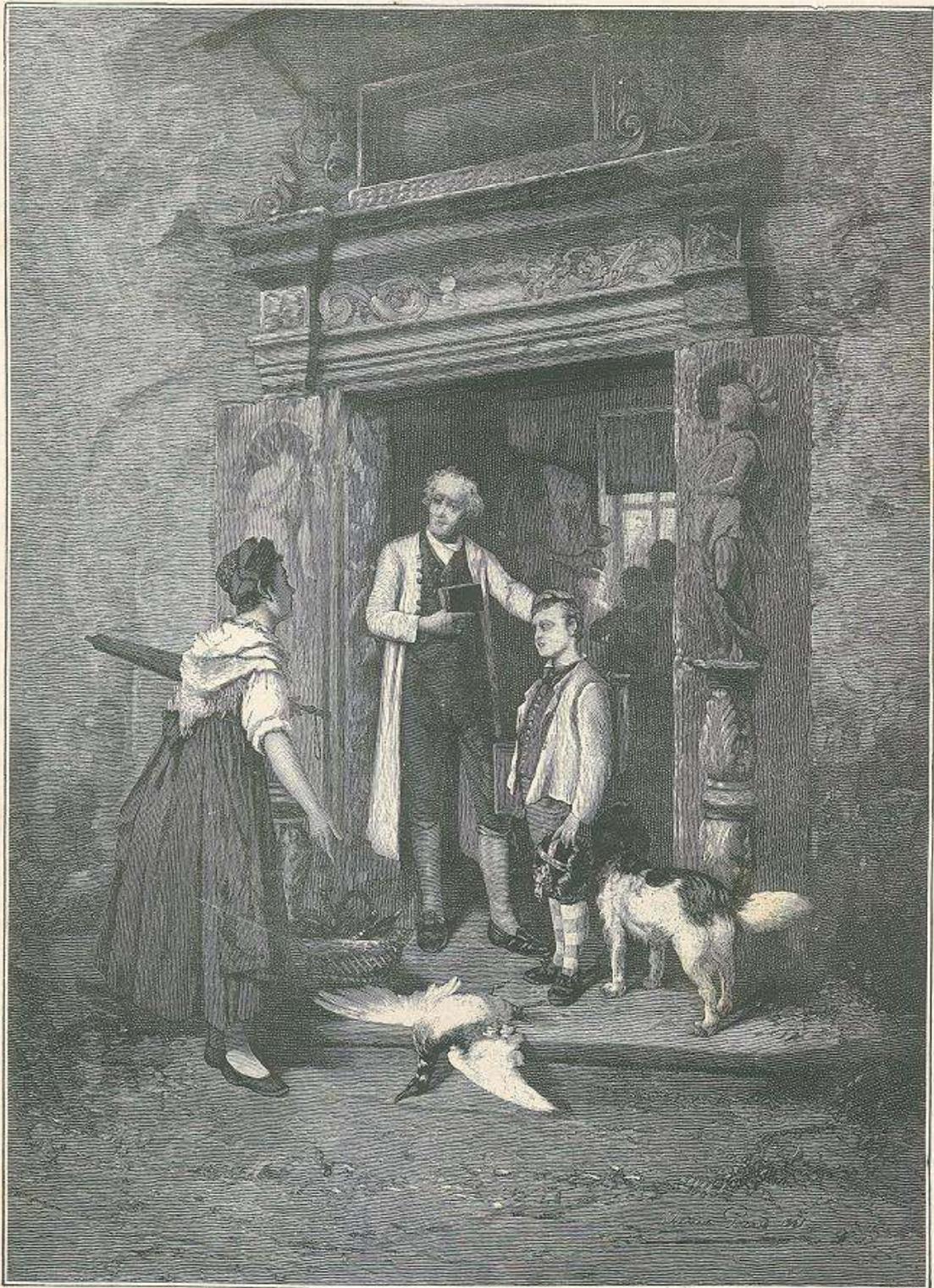
«Profundamente impressionado pela expressão de

e principalmente pela minha propria consciencia. Pensa bem no que te digo, René; não te colloques na triste posição de te arrependeres, mais tarde ou mais cedo, de qualquer passo imprudente, que dêes no caminho da vida... Poderia mesmo chegar um dia, em que julgasses exagerada a minha bondade

formosa Yvonne, que ouvira casualmente toda a conversa.

«—Meu pae tem razão, René, disse ella procurando vencer a commoção de que estava possuida. Renuncia á minha mão... assim é preciso!

«—Nunca, Yvonne! antes morrer!



O BOM ESTUDANTE

aflicção e de desespero, que transparecia nas feições do mancebo, o pae de Yvonne respondeu com tristeza:

«—Posso eu acaso ser cúmplice de um filho, que se rebella contra a auctoridade paterna? Bem deves conhecer, René, que, se tal fizera, havia de ser acerbamente censurado por toda a gente da povoação,

para contigo. Deixa inteira liberdade de acção a teu pae, que tem de certo por ti o mais acrisolado affecto, e renuncia á minha filha, que não podes unir ao teu destino, sem que pratiques uma acção condemnavel.

«No momento, em que o velho Legoello pronunciava estas palavras, sahia da casa de habitação a

«—René! René! sou eu que te peço...

«—Ah! tu... tu tambem! balbucion o pobre rapaz com expressão de profundo desalento. Tambem tu queres que renuncie á tua mão!

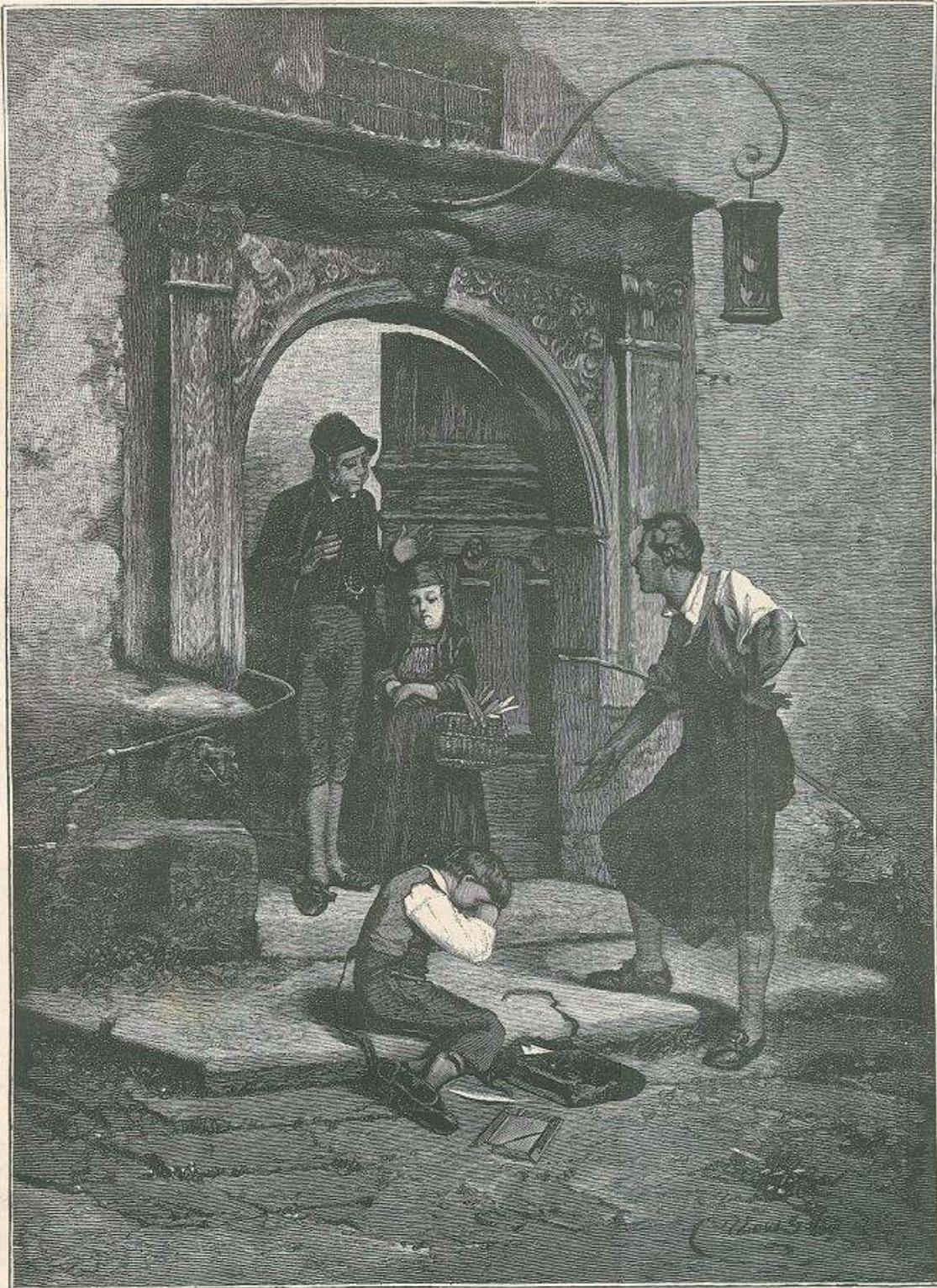
«E, tomando entre as suas a mão da gentil rapariga, appoiou a cabeça sobre o hombro do velho Legoello, e accrescentou com voz soluçante:

«—Sinto que se me despedaça o coração!

«O pae e a filha tentaram, mas de balde, consolar o mancebo, o qual se retirou por fim com a alma cheia de amargura. A pobre Yvonne foi encerrar-se no seu quarto para dar livre curso ás lagrimas, que tanto a custo contivera; e o velho Legoello, que na

seus tristissimos pensamentos, o sol, que estava prestes a sumir-se nos confins do horisonte, illuminava ainda aqui e alli os campos com os seus clarões ja incertos e descorados; o vento rumorejava por entre os folhas dos olmos de um modo estranho, e o embate das aguas, de encontro aos rochedos de

por uma bancarrota... E desgraçadamente não hei de ter a felicidade de ver, antes de morrer, a minha adorada Yvonne ao abrigo do infortunio e da miseria!... E, dizerem que, se pudera dispôr de um miseravel milhar de escudos, teria ensejo de a dar em casamento ao mais honrado e laborioso dos rapazes



O MAU ESTUDANTE

presença de René procurára reprimir as expansões do seu desgosto, para não irritar mais ainda o filho contra o pae, continuou a permanecer com o corpo encostado ao tronco da arvore, e com a cabeça pendida para sobre o peito; no semblante transparecia-lhe a mais manifesta expressão de dôr e de receio.

«Em quanto o bom velho se achava absorto nos

Penmare'h, produzia um rumôr sinistro, que pôdia ser comparado ás lamentações infernaes. O velho Legoello, mergulhado, como estava, nas suas dolorosas reflexões, nada via, nada ouvia...

«—Caem sobre mim todas as desventuras ao mesmo tempo! murmurava elle suspirando. Esttôo arruinado... arruinado por uma terrivel epidemia e

d'estes sitios! Oh! meu Deus! vós tambem sois cruel, por quanto, não attendendo á minha avançada idade, ás fadigas de uma tão trabalhosa vida, e á angelica bondade da minha pobre filha, permittis que se exgotem todos os meus recursos, e que nem mesmo me reste um triste milhar de escudos para dar como dote á minha adorada Yvonne.

«E as lagrimas corriam grossas como punhos ao longo das enrugadas faces do velho Legoello. Depois, voltando á ideia que lhe preoccupava o espirito murmurou:

«—Um milhar de escudos! . . .

«E, batendo com desespero com o pé no chão, exclamou arrebatadamente:

«—Ah! daria a minha alma ao diabo a troco de um milhar de escudos!

«No momento em que o afflicto velho acabava de pronunciar estas palavras, ouviu junto de si uma voz fortemente accentuada, que o saudava. Legoello estremeceu violentamente, e ergueu a cabeça. Diante d'elle estava um desconhecido, cuidadosamente embrulhado em uma capa negra.

«—Seja bemvindo, senhor, lhe disse o velho com voz mal segura.

«—Obrigado, amigo, respondeu o desconhecido.

«—Vem fatigado talvez?

«—Venho, sim; chego de longe. . .

«—Entre pois na minha humilde choupana, e repose um pouco.

«—Incomodo-o talvez. . .

«—Não. . . Pelo contrario, abenço a sua chegada, que se produziu precisamente na occasião, em que me prepassava pela mente um mau pensamento.

«—Um mau pensamento! Será indiscripção perguntar-lhe de que natureza era?

«—Ocorrerá-me a ideia de dar a minha alma ao diabo! respondeu Legoello sorrindo.

«—Esse pensamento não é tão mau como julga, amigo.

«—Está gracejando de certo. . .

«—Não estou, não. . .

«E, mudando de tom bruscamente, o desconhecido accrescentou com voz vibrante e incisiva:

«—Ouvi o teu appello, amigo. Aqui onde me vês posso fazer a tua felicidade e a da tua filha. Careces de um milhar de escudos? . . . pois bem! tel-os-has!

«—Deus de misericordia! exclamou o pobre velho, fazendo vivamente o signal da cruz.

«O desconhecido havia desaparecido, como se a terra o tragára.

—Quem era esse desconhecido? perguntou uma das mais moças fiandeiras, interrompendo a narração da velha Jacqueline.

—Era. . . era o diabo em pessoa! respondeu esta ultima baixando a voz.

—Oh! murmuraram todas as fiandeiras conchegando-se umas ás outras, e entreolhando-se aterrorizadas.

O ruido das dobadoras e dos fusos havia cessado; agora não se ouvia no velho celleiro senão o surdo e longiquo fragôr das ondas, batendo de encontro aos rochedos de Penmarc'h.

—Continue, continue a historia, tia Jacqueline... disseram por fim umas poucas de vozes.

Em seguida as camponezas lançaram um olhar furtivo para a porta, e para todos os escuros cantos do vasto celleiro. Depois os fusos e as dobadoras puzeram-se de novo em movimento, e a velha Jacqueline continuou a sua narração nos seguintes termos:

«Facilmente se comprehende quão profundo seria o terror, que aquella apparição incutira no espirito do pobre velho, o qual deixou logo em seguida o lugar, onde acabava de ter a terrivel surpresa, e entrou em casa, pallido, tremulo, e domnado por violenta perturbação. Julgando, como era natural, que o triste estado, em que o pae se achava, seria causado unicamente pelo facto de ver transtornados subitamente os projectos, em que durante tantos annos

fundara as suas mais queridas esperanças, a bondosa Yvonne disse-lhe com voz carinhosa, ao mesmo tempo que o affagava:

«—Tranquillise-se, meu querido pae, tranquillise-se. . . O que acaba de passar-se constituiu para mim uma verdadeira revelação. . . Interroguei a consciencia, e li n'ella que, quando mesmo pudessemos dispôr de grandes riquezas, seria dever meu não o abandonar. Estou portanto decidida a não me casar. . . Oh! eu sei de antemão quaes as objecções, que o meu adorado pae tem para oppôr a esta minha resolução; conheço que René é o rapaz mais honrado e laborioso de toda a freguezia, e tinha a plena e intima convicção de que nunca havia de arrepender-me de lhe dar a mão de esposa. . . Tudo isto eu sei; mas ao mesmo tempo sei tambem—que casando eu, não ficaria n'esta casa quem substituisse junto do meu pobre pae a minha adorada mãe. . . a santa, que tão cedo se separou de nós, e que está no ceu aos pés de Deus pedindo venturas para os que deixou na terra. . . O meu velho pae precisa mais de mim do que René, e abandoná-lo seria da minha parte um acto censuravel. Aconteça pois o que acontecer, continuarei a viver debaixo do tecto paterno, e ficarei solteira. . .

«E, vendo que o pae se achava dominado por intima commoção, tentou gracejar, e, descerrando os labios em um sorriso forçado, continuou:

«—Diga-se a verdade: o meu querido pae não mostra ter por mim um grande amor, visto que tanto deseja affastar-me de si. . . Acaso está já aborrecido de me aturar? . . . Não tenho sido sempre bastantemente submissa e obediente? Ora vamos; ralhe comigo, mas não esteja triste. . . Não quero ver-lhe no semblante essa expressão inquieta e afflicta. . . Olhe para mim, pae; sorria. . . e diga-me que se julga feliz por viver junto da sua Yvonne. . .

«—Ah! filha! filha querida! exclamou o bom velho, estreitando a donzella de encontro ao coração com o mais frenetico entusiasmo. Tu és a minha unica alegria. . . o orgulho dos meus cabellos brancos. . . o conforto das minhas horas tristes. . . Por ti, Yvonne, daria eu de bom grado a parte de felicidade, que por ventura Deus me reserva no paraizo! . . .

«No meio d'aquella expansão de affecto, Legoello esquecia por momentos a pobreza, que tão de perto o ameaçava, e o receio, que o dominava constantemente, de morrer antes de haver firmado em bases solidas o futuro da filha. . . Contemplando com amor a encantadora donzella, o bondoso velho mostrava no rosto uma expressão manifesta do mais intimo orgulho. . .

«E com effeito Yvonne era tão encantadora de formosura phisica, como de sentimentos affectuosos e dedicados. Tinha o rosto fresco e delicado, como é o cravo silvestre que brota por entre a penedia; nos olhos, azues como um ceu de primavera, transparecia-lhe a candura de uma alma angelica; nos labios, pequenina rosa mal aberta, adjava-lhe por vezes um sorriso, que traduzia fielmente a innocencia dos seus pensamentos. . . A estas perfeições reunia uma outra, que mais apreciavel era ainda: sabia governar a casa de seu pae tão economica e intelligentemente, como nenhuma outra rapariga da povoação era capaz de fazel-o.

«—Paciencia. . . paciencia! murmurou o pobre Legoello limpando a furto uma lagrima teimosa. Havias de ser uma esposa digna do pobre René, que tão honrados sentimentos possui. . . De mais a mais, estava já habituado a considerá-lo como filho, e agora. . . não me ha de ser facil perder esse habito. . .

«No momento em que o bom velho acabava de pronunciar estas ultimas palavras, entrava precipitadamente um pastor dos seus gados, que lhe levava a triste noticia de que os carneiros já doentes morriam uns após outros, e muitos dos que ainda estavam livres da terrivel epidemia cahiam tambem affectados da mesma doença, que de momento a momento era mais terrivel e destruidora.

«—Que desgraça! que desgraça a minha! exclamou o infeliz Legoello com desespero.

«E correu ao redil. Chegado que foi a dois passos de distancia da porta, recuou horrorizado. . . O espirito das trevas estava em pé no limiar!

«—Queres receber das minhas mãos um milhar de escudos? disse o demonio com accento sarcastico.

«—Não! não! vae-te! respondeu Legoello com voz aterrorizada e mal segura.

«O demonio desapareceu mais uma vez.

«Mas o pobre velho não era robusto; desde aquelle dia alterou-se-lhe visivelmente a saude. A bancarrota, em que se achava comprometido, a perda dos seus gados, o terror que lhe causava o facto de se ver perseguido pelo espirito infernal, e finalmente o receio de morrer sem deixar garantido o futuro da filha querida, produziram n'elle uma impressão profunda, que deu origem a uma doença de não pequena gravidade, cujos progressos faziam recrudescer mais e mais as suas inquietações. Um mez depois dos acontecimentos, que já descrevi, o pobre velho estava doente a ponto de que os visinhos o julgavam irremediavelmente perdido; e até mesmo alguns d'elles affirmavam, que tinham ouvido alla noite, em redor da casa do muribundo, o sinistro ruido produzido pelo rodar do *carriguel en ancou* (carro da morte)

«Só uma unica pessoa tinha ainda esperanças, de que o enfermo se salvasse: era Yvonne. . . A dedicada rapariga passava os dias e as noites junto da cama do pae, e, por entre lagrimas de angustia que a muito custo conseguia occultar, dirigia ao Ente Supremo as mais ardentes e fervorosas preces. Às vezes o bom velho tomava entre as suas a mão da filha, que apertava carinhosamente, e perguntava-lhe com voz deslallecida e mal segura se a doença dos gados diminuirá de intensidade; depois, pedia-lhe que fôsse descansar um pouco, e que não levasse a sua dedicação filial ao extremo de comprometer a saude, em razão d'aquellas vigílias tão continuadas. . . Para não a assustar, porem, nunca se atrevera a fallar-lhe na apparição do espirito infernal. . .

«Um dia, em que o pobre Legoello se sentia um pouco melhor, e no momento em que a esperança lhe entrava de novo no coração á vista do campo florido, do ceu azul, e de um sol deslumbrante disse elle á filha:

«—Escuta, minha querida Yvonne: affigura-se-me que não morrerei ainda. . . e tenho esperanças de que poderemos ir este anno ganhar as indulgencias na romaria de Santa Anna de Fanesment. . . Ah! que alegria! que felicidade! Se o mar estiver tranquillo iremos em um barco embandeirado; em caso contrario, sabiremos de casa ao romper da aurora, e faremos a jornada a pé atravez dos campos, e por sobre as tortuosas veredas meio perdidas no meio das arvores. Depois, na romaria, comprar-te-hei os melhores rosarios e imagens, de modo que causes inveja a todas as raparigas da freguezia. . . Has de tambem dansar, e todos hão de admirar a tua gentileza e donaire. . . Que ventura, filha adorada! Oxalá possa realizar-se o projecto. . . Permitta Deus, que eu não morra antes de chegar o dia da romaria!

(Continua).

O DOMINGO DOS BÉBÉS

O SOL

N'um domingo, Thomé e seu sobrinho levantaram-se de madrugada para irem passar o dia ao campo.

O tio quiz partir áquella hora por que desejava, antes de fallar do sol, que a criança presenciasse o surpreendente espectáculo do crepusculo da manhã.

A essa hora mal se via. As raras pessoas que encontraram no caminho, ao atravessarem a aldeia, foram os leiteiros e vendedores de hortaliças que vinham para a cidade.

A unica officina já aberta era a do ferreiro, onde estavam malhando sobre a bigorna o ferro em brasa e cuja forja alumava a escuridão exterior com os seus reflexos avermelhados.

Passados tres quartos de hora, aguardavam os dois, sentados na encosta de um cabeço, o espectáculo que pretendiam presenciar.

No oriente começava o ceu a alvejar e as estrelas a empallidecer pouco a pouco, e a desaparecerem uma apoz outra.

Em meio de uma faixa de luz tenuissima, d'onde gradualmente vem subindo uma doce claridade, fluctuam flocos de nuvens cor de rosa.

A' medida que a claridade vae attingindo as alturas, o azul do ceu vae revivendo suavissimo e transparente.

E' esta luz dubia que precede o sol o que se chama *aurora* ou *crepusculo matutino*.

As cotovias, a alegria dos valles, despedem o vôo e vão subindo... subindo, sofregas de saudarem primeiras o despartar do dia. E vão-se erguendo mais e mais até tocar as nuvens, como que tentando ir ao encontro do sol e celebrarem, na amplidão celeste, com os seus gorgeios entusiasticos, a gloria do astro rei...

Eduardo—Que belleza, meu tio!

Thomé—Ouve: é o sopro fugitivo da viração que ciciza na folhagem e a agita brandamente. Vê como das pétalas das flores resvalam os alfofares transparentes que as esmaltam, as doces gottas de orvalho, as lagrimas cristalinas da madrugada.

As avesinhas, despertadas, vão a pouco e pouco modulando o canto. O boi madrugador vae pachorrento caminhando para o trabalho; e detendo-se, como que pensativo, levanta para o ceu os seus rasgados olhos, cheios de doçura e solta um mugido suave.

Desperta a natureza inteira; tudo se anima e na sua linguagem ergue a Deus, ao Soberano Senhor de todas as cousas, o hymno eterno de graças e de amor!...

Repara agora: vê como o filete de luz que surgiu de repente, foi illuminar os pincares da montanha d'além; é a fimbria do sol que desponta; é a luz que irrompe no espaço immenso; a natureza que exulta com a sua radiosa apparição. E' o momento de que falla o nosso mavioso poeta:

Brilha o sol, rompe a alegria;
Tudo é festa, e dia... é dia!
Retoucam-se as solidões.
A luz inonda a campina,
O rubor accende a rosa,
A vida palpita anciosa,
No mundo, nos corações!...

As brumas da manhã empanam ainda o brilho do sol, permitindo que o contemplemos de face; em breve, porém, ninguem poderá supportar o seu deslumbrante esplendor.

A luz alaga a campina e uma aragem tépida succede ao frio aspero da noite; os nevoeiros sobem do fundo dos valles e dissipam-se; e o orvalho depositado sobre as folhas, aquece e evapora-se. Durante o dia, ou em quanto o avistamos desde o oriente até o occidente, o sol verte a torrentes sobre a terra a luz e o calor, e amadurece as searas, e perfuma as flores, e prodigalisa a vida ás creaturas. A' sombra de uma oliveira, o tio tomou a palavra:

Thomé—Que vem, pois, a ser o sol? Será muito grande? Estará muito distante? E' o que vamos saber.

Para medires qualquer distancia, não conheces, por ora, senão um meio, que é: applicar uma unidade de comprimento de um extremo até o outro da distancia que pretendes medir, tantas vezes quantas forem necessarias; porém a sciencia inventou processos especiaes para avaliarmos as distancias que se não podem percorrer; assim, pois, ensina-nos a achar a altura de uma torre ou de qualquer montanha sem termos de subir ao seu apice e sem mesmo nos aproximarmos da base. São estes os processos que se empregaram para se calcular a distancia que nos separa do sol. O resultado dos calculos feitos pelos astrónomos foi que estamos afastados d'este astro 30,400,000 leguas. Esta distancia equivale a 3:809 vezes a circumferencia da terra. Eu disse-te já que, para dar uma volta em roda da terra, um homem que andasse 10 leguas por dia gastaria dois annos e meio, aproximadamente. Pois para irmos da terra ao sol, se tal fosse possivel, o mesmo homem gastaria 8:300 e tantos annos. A vida humana seria curta para que um só homem podesse effectuar uma viagem de tal duração. Devido, pois, continua-la os individuos da geração seguinte, cem gerações de cem annos cada uma, ainda não bastariam para concluir a viagem.

Eduardo—E em caminho de ferro quanto tempo se gastaria?

Thomé—Tens reparado na velocidade do comboio?

Eduardo—Perfeitamente. Foge com tanta rapidez que faz entontecer a cabeça.

Thomé—Um trem de caminho de ferro, que nunca parasse, caminhando com a velocidade de 15 leguas por hora, velocidade extraordinaria nos nossos comboios, transportar-nos-hia de Melgaço a Albufeira, pontos extremos do reino, em 7 horas e 24 minutos; pois para transpôr a distancia da terra ao sol gastaria mais de 3 seculos. Para uma tal viagem, a locomotiva mais veloz assemelhar-se-hia ao pachorrento caracol que tivesse a pretensão de dar uma volta em roda do mundo.

Eduardo—Pois eu julgava que subindo ao telhado podia chegar ao sol com a ponta de uma canna!

Thomé—Se nos fiassemos em apparencias o sol não passaria de um disco brilhante de pequenas dimensões.

Eduardo—Eu julgava que teria quando muito a grandeza de um prato.

Thomé—Em primeiro lugar, o sol não é chato como qualquer prato, mas tem, como a terra, a fórma espherica. Em segundo lugar é bem maior.

Os objectos parecem-nos tanto menores quanto mais afastados se acham de nós, até se tornarem invisiveis. Uma montanha muito elevada, vista de longe, affigura-se-nos uma elevação mediocre; a cruz de uma torre, vista de baixo, parecer-mos-ha

pequena, embora tenha grandes dimensões; acontece outro tanto com o sol: julgamo-lo pequeno por estar muito afastado. Ora, é preciso que elle tenha um volume prodigioso para que, apesar da grande distancia a que nos achamos d'elle, seja visivel da terra.

Se assim não fôra, não só nos não pareceria apenas um disco luminoso, mas deixaria até de ser visivel para nós.

Admiraste-te das enormes dimensões da terra, a ponto da tua imaginação, apesar das comparações que fiz, não poder fazer d'ellas uma ideia exacta. Que acontecerá então a respeito do sol, que é 1.400:000 vezes maior do que ella? Suppondo o sol vasio, como se fôra uma caixa espherica, seriam necessarias para o encher, 1.400:000 esferas do volume da terra.

Outra comparação ainda: para encher a capacidade d'um litro são necessarios perto de 10:000 bagos de trigo; para encher dez litros, ou um decalitro, seriam necessarios 100:000; e para encher 14 decalitros seriam necessarios 1.400:000. Pois suppõe um monte de trigo de 14 decalitros e ao lado d'elle um bago apenas. Comparando os respectivos volumes, o bago isolado representará a terra, e o monte de 14 decalitros o sol.

Eduardo—Agora é que eu vejo o disparate, que disse! O sol, que eu suppunha ter, quando muito, a grandeza da mó de um moinho, sae-me agora uma esphera tamanha, que a terra, que é já enorme, é uma pella de borracha, como a do mano Arthur, comparada com o sol!... Oh meu Deus!

Thomé—Dizes bem: oh meu Deus! O espirito fica assombrado quando pretendo fazer ideia d'esse inconcebível volume. Dize: oh meu Deus! Só Vós sois grande, que creastes o sol e a terra, a que o vosso braço invisivel imprimiu um perpetuo movimento!...

Mas ainda não acabei. Disse-te já que a luz se propaga com uma rapidez incrível. Effectivamente, para um raio de luz chegar até nós, isto é, para vencer a distancia que uma locomotiva expedita com grande velocidade só percorreria em trescentos annos, gasta apenas oito minutos. Agora ouve o resto: a astronomia ensina-nos que as estrellas são outros tantos soes de volumes comparaveis ao d'elle; diz-nos que esses soes, cuja luz é apenas perceptivel, são tão numerosos que é impossivel conta-los e que as distancias a que se acham é tal, que a luz emitida por ellas gasta seculos para chegar á terra e accrescenta que estas não são ainda as mais afastadas; ora, depois d'isto, avalia, se és capaz, a distancia que nos separa d'esses soes longinquos; imagina qual não deve ser o seu numero e o seu volume.

Imagina, digo eu!... Não tentes que era debalde. A intelligencia do homem mais sabio curva-se sob esta immensidade em que se revela a magnitude da obra do Creador.

Não podemos devassar esse infinito. Prostremonos, filho, perante essa immensidade do espaço; soltemos do intimo do peito esse brado de admiração por Aquelle cuja omnipotencia povoou de ignotos mundos as profundezas do ceu. Foi absorto na contemplação da magestade dos ceus que Soares de Passos, o teu poeta, exclamava:

Cantae ó mundos que seu braço impelle
Harpas da criação, fachos do dia,
Cantae louvor universal A'quelle
Que vos sustenta e nos espaços guia!

VIDIGAL SALGADO.

SCENAS DA VIDA DO MEXICO
DONA EVORNIA

POR
LUCIANO BIART

VI

(Continuado de pag. 282)

Fui ter com o juiz. Sem revelar os meus planos, invocando a saúde mal restaurada da minha cliente, pedi-lhe que a deixasse ficar prisioneira em casa d'ella até ao fim do mez. O juiz, que se obstinava em considerá-la como um criminoso vulgar, a muito custo cedeu ao meu desejo, mas cedeu.

À tarde, Evornia pareceu-me um pouco mais triste do que de costume. Ou por instinto, ou por que a sentinella collocada á porta commettesse a indiscrição de prevenil-a das ideias do juiz, o certo é que

— Não quer antes ter-me por conviva no dia da partida?

— Terça feira? nada; é mau dia e eu sou supersticiosa. Venha amanhã, peço-lhe.

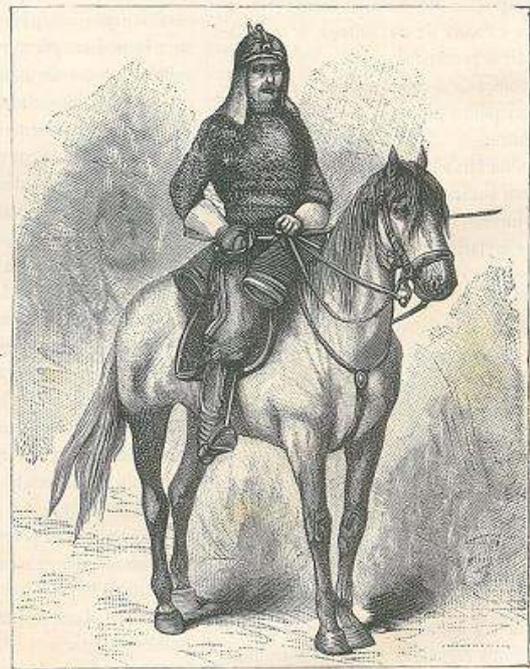
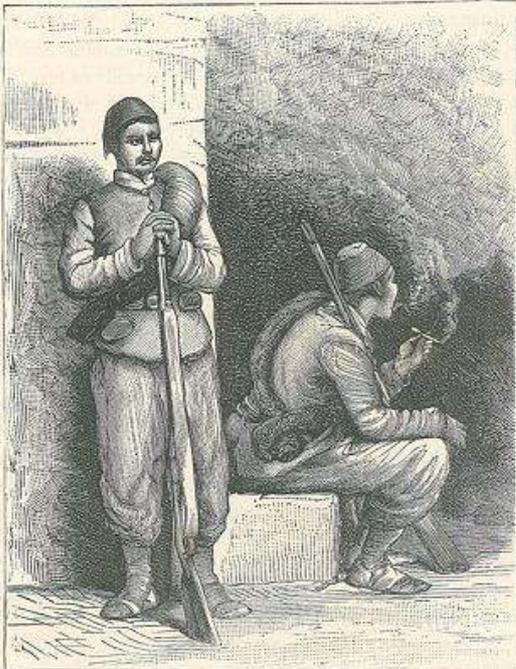
A terça feira tem para os mexicanos a reputação fatídica que os francezes dão á sexta. Beije em signal de annuncia as duas mãosinhas, que Evornia me estendeu, feliz por vel-a tão socegada, e por pensar que ella de,stro de pouco tempo teria a liberdade de entrar n'um convento.

Ea não podia, sem parecer criminoso aos meus próprios olhos, partir para o Mexico antes de ter estudado a fundo as «sementes animadas.» Tão convencido estava do bom exito da minha viagem, que metti mãos á obra. Com que commoção abri a caixa, que encerrava os preciosos grãos, com que alegria colloquei-os sobre a immensa folha de papel preparada para recebê-los! Duas das sementes, como

me suppôr n'aquella noite que se tinha realisado a minha viagem. Eu voltára a Orisava trazendo um pergaminho coberto de assignaturas, documento em virtude do qual era concedido ao doutor Bernargins em recompensa dos seus bellos estudos sobre as «sementes animadas» o perdão de Evornia Aceval.

VI

Chegou a tarde de segunda feira. Uma tarde quente, pezada, insupportavel. Grossas nuvens negras, batidas pelo nordeste, vinham d'esde manhã chocar-se com os cumes da Cordilheira, e excessivamente peizadas para se erguêrem mais alto, amostravam-se sobre o valle risonho da Perola. A electricidade carregava o ar com o seu fluido invisivel, excitando as pessoas nervosas, especialmente as mulheres. Fui chamado vinte vezes durante o dia pelas minhas clientes; queixavam-se todas de espasmos, impacien-



TIPOS DE SOLDADOS EGYPCIOS

a infeliz viuva fallou-me do processo. Eu quiz desviar a conversação.

— Não, disse-me ella, havemos de fallar n'isso mais cedo ou mais tarde, e portanto melhor é que fallemos hoje.

Com um sangue frio, que me surpreendeu, examinou ella propria a sua sorte futura.

— Talvez me deixem viver, exclamou; pois eu preferia morrer.

Eu não queria inspirar-lhe nenhuma falsa esperanza, e absteve-me de fallar na minha resolução; contentei-me com dizer-lhe que esperava partir para o Mexico dentro de pouco tempo. Ella pareceu desgostosa com a minha partida, e pediu-me que a addiasse. Tratava-se d'ella, cumpria não perder uma hora, um minuto; tive força para resistir-lhe.

Evornia ficou pensativa, como intristecida pela recusa.

— Está zangada, disse-lhe eu; se lhe não faço o que me pede é porque se trata de coisas muito graves.

— Não fallemos mais n'isso. Parte terça-feira?

— Á meia noite; tenho logar guardado.

— Venha jantar comigo amanhã.

para responderem á minha impaciencia, principiaram a mover-se quasi instantaneamente. Voltavam-se, moviam-se, tomavam as direcções mais oppostas e phantasticas. O phenomeno não era resultado de uma força de direcção constante; eu não sabia o que havia de pensar.

Ahi, uma das sementes, que tinham ficado immoveis, continha uma fecula parda, que examinada ao microscopio se compunha de granulos irregulares e transparentes. Enchi de notas um caderno inteiro, propondo-me logo que chegasse ao Mexico, depositar aquellas observações succintas nas mãos do secretario da academia, precaução que em caso de necessidade me permitiria demonstrar a prioridade das minhas investigações. Mas faltava-me o porque do phenomeno; dispunha-me a dissecar uma das sementes, que continuavam a mover-se, quando tive uma ideia. Dentro de tres dias eu devia estar no Mexico; não fora melhor proceder ás experiencias perante a academia? Tomado d'esta ideia, guardei com o maximo cuidado as sementes, cujas singulares propriedades devia causar em breve grande ruido em todo o mundo scientifico.

A imaginação, essa louca que nunca dorme, fez-

cias, terrores secretos, vontade de chorar; perturbações do organismo que deviam desaparecer com a formidavel tempestade que nos ameaçava.

De tempos a tempos, um relampago inundava o meu gabinete de uma luz branca e offuscante. Eu previa um ribombo do trovão, e applicava o ouvido para seguir a direcção do som; mas os relampagos, sempre silenciosos, succediam-se tingindo-se de vermelho. Dois bellos xilophagos, que eu tinha apanhado na vespera e collocado sobre a minha meza, debatiam-se furiosos. Os pontos luminosos que adornam o corpo d'estes insectos e os tornam muito cobichados para enfeites das damas mexicanas, brilhavam com extraordinaria intensidade. Acaso existiria alguma relação entre a electricidade e os órgãos phosphorescentes dos meus dois coleopteros? Ia principiar uma experiencia quando me lembrei de que Evornia estava á minha espera.

Sahi, era noite; os relampagos de minuto em minuto abrazavam o horizonte. Orizava, os seus montes as suas casas, os seus corucheos, appareciam de repente, como illuminados por um sol radioso.

(Continua)